

As ciências do espírito e as ciências da natureza

BENEDICTO SILVA

"This is a critical time for social science". —
ROBERT LYND.

AS PERPLEXIDADES DE LABOULAYE

A DESPEITO de se intitular pretensamente cientista social, até aqui o *Homo sapiens* tem falhado em situar a origem e reconstituir o curso das idéias que se resolvem em precipitados sociais, como o desassossêgo religioso, que produziu Lutero e sobretudo a Reforma, e o violento amor da liberdade, que triunfou, em 1789, com a Revolução Francesa.

E se, em relação à genealogia dos acontecimentos sociais, o homem ainda se encontra assim titubeante, canhestro e pasmado, que diremos de sua maciça incapacidade para prevê-los? As guerras, as revoluções, as greves, as crises econômicas, as quedas de regimes políticos, as lutas religiosas, a escassez de matérias primas, a alta dos preços, o curso do câmbio, as variações do mercado de trabalho e outros acontecimentos da mesma família o afetam profundamente; mudam-lhe o destino, abatem-no, exaltam-no; transformam-no em herói, santo, mendigo, capitão de indústria, soldado, líder; às vezes chegam a tragar tudo quanto êle preza, inclusive os ideais mais caros e os entes mais estremecidos. Apesar de serem assim decisivos para o homem, os grandes acontecimentos sociais quase sempre o colhem de surpresa.

Como cientista natural, o homem conhece, explica, prediz, manipula e, em certos casos, até produz à vontade os fenômenos da matéria. Como sociólogo, economista, financista ou cientista político, permanece praticamente cego e pusilânime em face dos fenômenos da vida social. Essa paradoxal precariedade do ser humano tem sido objeto de intensa meditação por parte de muitos observadores e constitui, sem dúvida, um dos temas apaixonantes da civilização contemporânea.

Intrigado por não poder desvendar o segredo das idéias e abstrações que imprevisivelmente convulsionam e mudam a face do mundo, Laboulaye, ao escrever, há mais de 60 anos, o seu útil embora já obsoleto ensaio sobre o Estado e o indivíduo, dirigia a si mesmo uma série de indagações cruciantes, tôdas reveladoras das grandes perplexidades que rondavam então, como ainda hoje rondam, cada vez mais inquietantes, os cultores das ciências sociais. Dar-se-á o fato de que não podemos medir o poder da idéia em plena vida? Será impossível calcular-lhe a curva e a projeção? Não terá a humanidade vivido já o bastante para se conhecer a si mesma? Viremos a descobrir leis certas? Acabaremos por prever os acontecimentos sociais? E o velho liberal francês respondia a si mesmo: "Sim e não, conforme o sentido que se atribua ao termo *previsão*". Citava, em seguida, o exemplo da astronomia, ciência já então capaz de anunciar um eclipse cem anos antes da respectiva ocorrência, mas ainda incapaz, por outro lado, de prognosticar o comportamento do tempo no dia seguinte. Quando Laboulaye, presa da angústia intelectual que sóe empolgar o cientista político em tais circunstâncias, lucubrava sobre os problemas sociais, já a Ciência de Laplace conhecia o andamento ordinário dos corpos celestes, mas ainda permanecia perplexa em face das variações dos fenômenos meteorológicos. Laboulaye julgava que a Ciência Política estivesse em situação semelhante. Na opinião dêle, esta ciência não poderia prever o que faria ou o que seria a França dentro de seis meses, mas talvez fôsse capaz de prever o que a França e a Europa estariam pensando, dez anos mais tarde, sobre determinado assunto ou problema.

Essa assemelhação da Ciência Política à Astronomia, ainda que somente para fins de ilustra-

ção do argumento, carece inteiramente de conteúdo lógico. Atribuir a ambas poder de previsão a longo termo e, ao mesmo tempo, incapacidade de previsão a prazo curto, já no terceiro quartel do século passado teria sido mero expediente verbal; hoje, o recurso artificioso de Laboulaye não ocorreria a ninguém, por absolutamente inverossímil e divorciado da realidade. Com efeito, as poucas previsões científicas e seguras, conseguidas até agora pelo homem no campo dos acontecimentos sociais, não se referem a fenômenos ocorridos três, quatro ou mais anos depois de anunciados, mas a fenômenos imediatos, ocorridos invariavelmente no curso dos próximos seis, doze, no máximo dezoito meses, a partir do momento da previsão. O alcance da capacidade de previsão do homem relativamente aos fenômenos sociais, mesmo depois que melhorou os métodos de pesquisa e acumulou as experiências feitas, as observações colhidas e as teorias arquitetadas e desenvolvidas no século atual, é ainda marcadamente limitado e precário. Previsões sociais de longo alcance, abrangentes de dez ou mais anos, como admitia Laboulaye, por enquanto não resultam de investigações científicas, mas da crença em algum poder sobrenatural. Elaborá-las é função dos mágicos, dos videntes, dos profetas, dos Nostradamus — não dos cientistas.

O PARADOXO DO HOMO SAPIENS

Se a partir das últimas décadas do século passado a Astronomia realizou progressos notáveis, que hoje a habilitam a prever não somente o comportamento futuro dos astros, senão também a incidência, a intensidade e a duração dos fenômenos meteorológicos, o mesmo progresso não lograram as ciências sociais, que possivelmente hoje estarão mais distanciadas das ciências físicas e naturais do que em 1880.

Com efeito, quando compara o grau de adiantamento das ciências da natureza com o das ciências do espírito, o observador verifica desde logo este paradoxo: o conhecimento científico sobre coisas assustadoramente remotas, como as nebulosas e os astros, sobre coisas infinitamente pequenas, como os electrons, sobre fenômenos intangíveis e misteriosos, como a eletricidade, a luz e o calor, é incomparavelmente mais rico, mais vasto e mais seguro do que o conhecimento até agora acumulado sobre o homem e a vida coletiva.

Como unidade social, o ente humano continua a ser, para os filósofos, economistas, sociólogos e antropólogos, uma incógnita desnorteante, hostil à verificação de hipóteses, difícil de ser colhida em cheio pelas malhas das teorias, ainda quando geralmente construídas. Todos os métodos até agora empregados na pesquisa, elaboração, acumulação e refinamento de conhecimentos sobre os tipos de comportamento do ser humano e as curvas normais de probabilidade da vida social, têm sido inoperantes e permitido apenas a multiplicação de teorias, não a descoberta de leis comprovadas.

Mesmo como unidade biológica, o homem está longe de ser um fenômeno esmiuçado, penetrado e explicado pela análise científica. Além de sustentar esse ponto de vista no próprio título de sua conhecida obra, o cientista francês Alexis Carrel, desprezível como fascista mas acatável como biólogo, dedica todo o primeiro capítulo do *O homem, esse desconhecido* à demonstração de que o desenvolvimento das ciências que tratam da matéria é muito mais acentuado do que o das ciências que tratam da vida.

Não é necessária a agudeza mental de um Voltaire para que o julgador contemporâneo se capacite de que, se as ciências que tratam da vida estão muito mais adiantadas do que as que tratam da matéria, as ciências sociais, que tratam de algo mais sutil, isto é, de "fenômenos animados de sentimentos e idealidade", se acham mais indecisas do que todas as outras.

Qual a causa de tão desconcertante paradoxo? Como se explica que o homem seja capaz de conhecer e prever coisas remotas, que só como objeto de curiosidade lhe despertam a atenção, como o eclipse que ocorrerá daqui a 100 anos, e ao mesmo tempo continue inciente e angustiado diante de fenômenos muito mais imediatos, que o envolvem diretamente e até condicionam o seu trabalho, o seu padrão de vida, a educação e o futuro de seus filhos, como a alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade no semestre vindouro, a mudança de um regime político, ou a modificação, por exemplo, da política de seguro social?

CAUSAS DO ATRASO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Várias causas explicam o largo fôssco existente entre o notável progresso realizado pelas ciências exatas e o precário desenvolvimento das ciên-

cias sociais. Em relação àquelas tem havido acumulação de conhecimentos; em relação a estas, apenas agitação de idéias, mais ou menos confusas e contraditórias.

Imaturidade

A primeira dessas causas é a juventude das ciências que tratam do homem como entidade social. A Astronomia hoje opera com abstrações, com fórmulas puras, quer dizer, já atingiu o ideal a que, na opinião de Ribot, toda ciência aspira, ou seja a determinação quantitativa. Mas a Astronomia, como se sabe, é uma das mais velhas, senão a mais velha das ciências criadas pelo homem, ao passo que as ciências sociais são todas de desenvolvimento recente.

Há vestígios de teorias econômicas e traços de teorias políticas em obras de autores gregos (poetas, tragediógrafos, historiadores, filósofos), mas a Economia Política, ramo das ciências sociais, é produto da civilização contemporânea. O primeiro tratado de Economia Política que se conhece, o de Antoine de Monchrétien, foi publicado em 1615.

Registros antigos, talvez os mais remotos até hoje descobertos, dão notícia de levantamentos estatísticos, de recenseamentos demográficos e outras aplicações primitivas, a fenômenos de massa, do método da enumeração. Segundo a Bíblia, por exemplo, Cristo nasceu em Belém em virtude de um arrolamento da população das províncias da Galiléia e da Judéia, ordenado por Cesar Augusto, primeiro imperador romano. Havia, assim, em épocas muito recuadas, aplicação em larga escala de algo semelhante ao método estatístico. Mas este fecundo instrumento das ciências sociais, tal como hoje o concebemos e aplicamos, constitui novidade no rol dos conhecimentos humanos. A própria palavra *estatística* ainda não conta dois séculos de existência — foi cunhada em 1749 por Gotfried Achenwall, professor da Universidade de Goettingen. Que dizer então da *Sociologia*, ciência moderníssima, sistematizada e batizada nas primeiras décadas do século XIX por Augusto Comte — cerca de 50 anos depois da morte de Voltaire e Rousseau? E da Ciência das Finanças, que ainda há dez anos passados era ensinada aos nossos estudantes de Direito como capítulo da Economia Política? E da Administração Pública, sobre que não existem hoje senão cinco compên-

dios gerais, todos americanos e publicados a partir de 1926?

Indesejabilidade

Além das perplexidades e estouvamentos inerentes à juventude, as ciências sociais ainda têm, contra si, o *handicap* da suspeição. Muitas delas são mal vistas, malquistas, indesejáveis, pelo que o seu cultivo freqüentemente *faz mal à saúde*, para nos servirmos de uma pitoresca expressão da gíria policial. De fato, a simples prática de atos indiciadores de que o indivíduo estuda certas ciências sociais em certos catecismos, é bastante, muitas vezes, para lhe trazer sérios contratempos, da perda de emprêgo ao encarceramento.

Ao passo que o professor de Geometria, ou de Botânica, ou de Astronomia, tem a faculdade de ensinar livremente a sua ciência em qualquer país, onde quer que seja, sem despertar suspeitas, o professor de Economia desejado na Rússia seria provávelmente fuzilado no Japão, assim como o antropólogo aceitável no Reich nazista seria certamente execrado nos meios democráticos americanos. Alfred Rosenberg, por exemplo, é considerado cientista, quase semi-deus, pela Alemanha nazista e odiado como um monstro moral por todos quantos condenam as perseguições raciais. Francesco Nitti e dezenas de outros professores de ciências sociais tiveram que fugir da Itália fascista para não serem metidos na prisão. E' certo, entretanto, que a Democracia Americana os acolheria de muito boa sombra — a eles e aos seus ensinamentos liberais. Esses fatos provam que os conjuntos de conhecimentos, idéias e pendores que formam determinadas ciências sociais, longe de gozar tolerância universal, provocam reações distintas em cada país e em cada momento, conforme as tendências dos homens que detenham o poder político.

Na manhã em que redigia estes parágrafos, os diários do Rio, como que empenhados em documentar as nossas afirmativas com palpitantes provas factuais, publicaram o seguinte telegrama, que veio mesmo a calhar:

"Prisão de um escritor e filósofo

Nova York, 2 (U. P.) — Uma informação da Agência Stefani, retransmitida pelo rádio de Berlim, anuncia que as autoridades italianas prenderam o escritor e filósofo Guido de Rugiero, professor de História da Filosofia na Universidade de Roma, por preparar uma nova edição de seu livro *História do Liberalismo Europeu*."

O geômetra pode, livremente, elaborar e publicar as mais vertiginosas teorias matemáticas. O astrônomo dispõe da liberdade de perscrutar à vontade, noite e dia, os espaços infinitos em busca de novos corpos celestes e de escrever e falar sobre as suas descobertas. O químico, por sua vez, não encontra embaraços no exercício de suas pesquisas, ainda que estas sejam as mais revolucionárias do ponto de vista das idéias correntes da Química. Em suma, qualquer cientista exato ou natural goza do direito de aplicar seu tempo, capacidade e conhecimentos à propagação da respectiva ciência, sem provocar reação nem suspeitas, muito menos atos de violência.

Já o cientista social precisa, para sobreviver, de ocultar e silenciar tôdas as idéias e princípios desagradáveis ou infensos aos chamados *vested interests*. Quantas vezes é forçado a renunciar previamente ao direito de procurar a verdade e até a comprometer-se a elaborar argumentos, formular teorias e amassar provas para sustentar, defender e exaltar aqueles interesses.

Nada para admirar, pois, que os cientistas sociais ainda não disponham de largos conhecimentos acumulados e transmissíveis, por isto que, em determinados setores, descobrir e enunciar a verdade pode significar o ostracismo, a suspeição, a ruína e até o "suicídio".

Em vários países civilizados, notadamente na Inglaterra e nos Estados Unidos, é comum a existência de departamentos de pesquisas científicas nas grandes empresas industriais. Os sábios, os cientistas e seus auxiliares, que operam nesses departamentos, são regularmente pagos para verificar hipóteses, investigar, provar as teorias, numa palavra, ampliar a ciência. Quer dizer, os próprios grupos econômicos que mais temem e exercem muitas das idéias postas em circulação pelos cientistas sociais, são os que espontaneamente contribuem para o desenvolvimento das ciências exatas, biológicas, físico-químicas, termodinâmicas.

No entanto, a liberalização de recursos para o financiamento das pesquisas destinadas a enriquecer o patrimônio informativo e documental das ciências sociais é coisa muito mais rara.

Conforme observa Robert Lynd, as chamadas classes conservadoras, exatamente as que mais influem na direção dos negócios públicos, ordinariamente não se interessam por saber se o

investigador social está procurando descobrir verdades científicas, mas se as suas atividades investigadoras são a favor delas, ou contra elas.

E' patente que a pressão dos *vested interests* obstaculiza a elaboração do conhecimento puro no campo das ciências sociais. E' quase impossível ao cientista social assumir e manter uma atitude de objetividade neutra, sobretudo quando as suas investigações o conduzem ao *outro lado* da cêrca. Tais são os embaraços que se lhe antolham que êle acaba por mudar de rumo e até por perder o respeito de si próprio.

Gratuidade

A descoberta de uma nova lei, de um novo método de pesquisa, ou a formulação de uma nova teoria, ordinariamente não traz qualquer vantagem material ao respectivo autor. A ciência social é cultivada de graça.

E' verdade que o prazer de criar e a necessidade de conhecer, pois que são impulsos naturais quase imperiosos, *motivam* e impelem as atividades científicas do homem. O culto da ciência, muitas vezes, assume a forma de paixão obsessiva.

A busca do incognoscível oferece lances tão dramáticos e emocionantes como as aventuras que os novelistas costumam localizar nos mares do sul.

Muitas vezes o homem elabora a ciência e persevera nas suas pesquisas por mero desejo de saber. A curiosidade, como diz James H. Robinson, é tão líquida, clara e definida como qualquer das outras solicitações psicológicas do homem (1). Frequentemente a nossa atenção é atraída por coisas que nada têm a ver com os nossos interesses pessoais. Trata-se de manifestações daquilo que Veblen chamou *curiosidade ociosa* (*idle curiosity*). Esse impulso vadio muitas vezes dirige o foco mental do homem para coisas e relações desconhecidas. Não raro, a atenção passageira, retida por uma causa qualquer, transforma-se em exame deliberado, sistemático, metucioso, intenso. A curiosidade solta, a princípio sem alvo certo, de repente se detem, se avoluma, se define e como que identifica um objeto próprio, fascinante, no qual tôda se concentra. Então, a busca ao

(1) *The Mind in the Making*, The Thinker's Library, N.º 46, Londres, 1940, pag. 35.

acaso se converte em pesquisa deliberada e o pesquisador passa a experimentar fortes emoções da caça primitiva — *the high flavor of primitive hunting*, como diria James H. Robinson. Quando a curiosidade saltitante se transforma em exame sistemático, a inteligência criadora entra em ação. Daí o fato de estarem ligadas a êsse vago impulso tantos dos notáveis feitos humanos.

E' de se admitir, pois, que o homem se ponha a observar os fenômenos sociais levado pela curiosidade ociosa — sem plano nem propósito definido. Pode-se conjecturar também que, em muitos casos, o entusiasmo que porventura essa observação lhe desperte, há de ser logo arrefecido ou mesmo extinto pela verificação de que a sua conduta pode tornar-se molesta e indesejável para os demais. Talvez fôsse por essa razão que o próprio Aristóteles perpetrou a ignomínia, imperdoável num filósofo, de justificar a escravidão. Mas quem nos poderia garantir que o Estagirita não teria sido lançado ao ostracismo, ou mesmo condenado à morte, como Sócrates, se a tivesse combatido?

Cumpra reconhecer, porém, que nem todo cientista é inicialmente conduzido pela *curiosidade solta*, de que falam Veblen e Robinson. Há outros motivos que dirigem os homens para o Templo da Ciência. Ninguém mais autorizado do que Einstein para nos esclarecer a respeito da motivação científica. Nas célebres e belíssimas páginas com que abre a obra *Adónde va la ciencia?* (2), de autoria do físico Max Planck, Einstein afirma, *ad introito*, que, dentre os homens que se dedicam à ciência, raríssimos o fazem por amor da própria ciência.

Embora às vezes pareçam extravagantes ao comum dos mortais, os cientistas formam, sem dúvida, um grupo social brilhante e precioso. Mas os motivos que os impelem para o tratamento das questões científicas nem sempre se equiparam, em brilho, à sua inteligência. Muitos desses estranhos indivíduos que chamamos cientistas são verdadeiros oceanos encapelados de vaidade; outros trazem em si tremendas cargas de cupidez.

Mais freqüentemente do que se pensa, as razões que os levam ao Templo da Ciência são menos confessáveis do que parecem. Tomando por critério de classificação o móvel da atividade cien-

tífica individual, Einstein divide os homens que ingressam no recinto augusto em três grupos: a) os que aí buscam oportunidade para exhibir talentos especiais; b) os que aí vão oferecer sua massa cerebral na esperança de obter, em troca, pingues recompensas materiais; c) os que aí são trazidos por amor da ciência.

Seja-nos permitido dizer, em linguagem menos einsteineana, que o grupo *a* se compõe de *exibicionistas*, o grupo *b* de *mercenários* e o grupo *c* de *puros*.

Para os *exibicionistas*, a ciência é uma espécie de esporte cuja prática lhes proporciona gôzo semelhante ao que o atleta experimenta ao executar suas proezas musculares. Os *mercenários* só enveredam pela senda científica por força de circunstâncias fortuitas. Quando se lhes apresenta o problema de escolher uma carreira, eles o resolvem com grande flexibilidade, ao sabor da conjuntura presente; tanto poderão optar por Minerva, como por Mercúrio, conforme a perspectiva de ganho fácil venha, no momento, da Deusa da Ciência, ou do Deus do Comércio. Os *mercenários* ora se fazem cientistas, ora traficantes, ora políticos, ora caçadores de dotes. Os *puros* são os sacerdotes da Ciência, os que não a cultivam por vaidade nem por cupidez.

No mencionado prefácio, Einstein expressa o receio de que, se um anjo do Senhor expulsasse os *exibicionistas* e os *mercenários* do Templo da Ciência, como Jesus expulsou, de azorrague em punho, os vendilhões de que falam as Sagradas Escrituras, o recinto ficaria quase vazio — lá restariam apenas os fiéis, que são tão poucos.

O autor da Teoria da Relatividade afirma que essa decisão imporria a expulsão de algumas pessoas dignas, a quem se deve a construção de uma grande parte, talvez a maior, do Templo da Ciência; reconhece, por outro lado, que se os homens que se têm dedicado à Ciência pertencessem somente às categorias dos vaidosos e dos cúpidos, o edifício jamais teria adquirido as suas grandiosas proporções atuais, assim como um bosque nunca poderia crescer se se compusesse apenas de trepadeiras.

Afinal de contas, foram eles, os cientistas puros, êstes raros fiéis, que grangearam para a Ciência o respeito universal, assim como são eles os guardiães da alta dignidade da carreira científica. Muitas vezes o *profanum vulgus* os escarnece. Os *exibicionistas* e os *mercenários* também

(2) Tradução espanhola de Felipe Jiménez de Asúa, Buenos Aires, 1941.

os apedrejam e satirizam. Talvez seja pela hostilidade e mesquinha do meio que os verdadeiros cientistas geralmente se fazem fugidios e insociáveis. Com efeito, os poucos fiéis que o anjo do Senhor deixaria no Templo Augusto são criaturas estranhas, taciturnas e solitárias.

Que as leva a dedicar suas vidas à busca ansiosa do conhecimento?

Einstein e outros espíritos superiores sustentam que os motivos do cientista puro são estéticos. Há tamanha beleza na "harmonia preestabelecida" que, ao vislumbrá-la através do labor científico, o observador se sente transportado para uma região de encantamento, na qual títulos honoríficos e bens materiais se amesquinham e diluem. Segundo o depoimento de Einstein, o estado mental que libera, no cientista puro, o poder impulsor, se assemelha à transfiguração religiosa do devoto e ao êxtase insaciável do amante. O esforço prolonga-se extenuantemente não em obediência aos itens de um plano prévio, mas como tentativa de satisfação de uma fome de alma.

E' intuitivo que, dentre os cultores das ciências sociais, os exibicionistas não terão valor moral para pesquisar, sistematizar e, sobretudo, divulgar fatos e teorias acaso infensas aos interesses das classes dominantes. Eles querem elogios, não advertências e hostilidades.

Os mercenários, por sua vez, diligenciam por descobrir e aperfeiçoar argumentos favoráveis a êsses interesses. E' como satirizou Parrington: — os economistas, financistas, sociólogos, juriconsultos e políticos cientistas, na sua grande maioria, *sentam praça na Guarda Suíça* e se esmeram, quanto podem, para protegêr o recôndito santuário do *vested system*.

De modo que os exibicionistas e os mercenários, justamente os grupos mais numerosos, em lugar de contribuírem para o avanço das ciências sociais, antes espalham confusão e lançam cortinas de fumaça em tôrno delas. Resta o mingua-do grupo dos puros. Estarão êstes em condições de enriquecer as ciências sociais tanto quanto enriquecem, por exemplo, as ciências exatas? Quem nos dera! Atualmente, em qualquer ciência, sobretudo no grupo das ciências sociais, tôda fração de conhecimento novo é fruto de largas canseiras e investigações. O progresso científico depende cada vez mais de pesquisas organizadas. Ora, essas pesquisas são ordinariamente tão onerosas que o cientista, as mais das vèzes, não dispõe de

recursos para custeá-las por conta própria. Comum é a atividade científica depender de recursos doados ou angariados — isto é, de recursos originários das fontes mesmas que não se interessam por saber se as ciências sociais estão acumulando conhecimentos, *mas se estão com elas ou contra elas*.

O resultado lógico é o seguinte: se os fatos descobertos por um cientista social são contrários aos *vested interests*, não só êle breve carecerá de recursos para continuar suas pesquisas, como até, em muitos casos, será considerado subversivo. Acaso Sócrates — para citar apenas um exemplo conspícuo — não foi obrigado a beber cicuta sob a acusação de corromper a mocidade e de ser infiel aos deuses?

Somos forçados a concluir, melancòlicamente, que o cultivo das ciências humanas não só não traz proveitos materiais, como até, em freqüentes casos, o que traz é intranqüilidade e privações. Não é apenas gratuito — é igualmente oneroso e incômodo.

Como disse o citado Robinson, "a discussão realmente honesta de nossos padrões e hábitos sociais, econômicos e políticos, prontamente causa suspeitas — é considerada herética e subversiva" (3).

Escassez de material

O material de trabalho do cientista social é o homem. Para elaborar, provar, controlar, acumular e coordenar conhecimentos, o sociólogo, como o economista, há de perscrutar, tatear e manipular êste delicado material. Antes de mais nada, o homem constitui um elemento extremamente dinâmico e raríssimo na face do planeta. Em segundo lugar, o material humano compõe-se, em proporções desconhecidas, de reações complexas — previsíveis umas, outras imprevisíveis, — de impulsos racionais e de impulsos irracionais. Além disso, exceto em especialíssimas circunstâncias, tão raras que carecem de valor como instrumento de pesquisa, o material humano não é suscetível de experiências voluntárias e controladas. Sempre que tem o homem por material de trabalho, o cientista não pode verificar uma hipótese ou pôr à prova uma teoria mediante o recurso fecundo da experimentação. Conforme observa tão penetrantemente Gulick, a *psiqué* humana não é digni-

(3) *Op. cit.*, pág. 139.

ficante apenas por ser dinâmica e, pelo menos em parte, imprevisível e irracional, mas sobretudo porque os seres humanos são extremamente escassos.

Escasso o homem? E os dois bilhões de seres humanos que se acotovelam na superfície da terra? Apesar dessa objeção aparentemente válida, a raridade do material de operação do cientista social pode ser fácil e até espetacularmente demonstrada. Basta recorrer, como fez Gulick, à seguinte comparação: em um centímetro cúbico de ar há quinze bilhões de vezes mais moléculas do que seres humanos em todo o globo terrestre. Em outras palavras: ao contrário do cientista natural, o cientista social luta com uma carência angustiada de fenômenos e é isso que torna as diferenças e variações individuais tão importantes e, ao mesmo tempo, tão difíceis. "Se nós tivéssemos tantos seres humanos para manipular como o cientista exato tem electrons — diz Gulick — poderíamos mais facilmente descobrir o padrão de comportamento e as curvas normais de probabilidades da vida social. Na Ciência Política, quando nos voltamos para os agregados humanos organizados em nações, defrontamos uma situação em que a escassez ainda é maior. Há somente uma União Soviética, somente uma Inglaterra, somente um Estados Unidos da América" (4).

Max Planck, o autor da Teoria dos Quanta, raciocina diferentemente sobre esse aspecto da questão. Diz ele que, comparado com o cientista exato, o cientista social tem a vantagem de tratar com fenômenos familiares. Essa vantagem consiste no ponto de partida que o fato de ser ente humano oferece ao cientista social. Ao passo que o cientista exato observa e investiga fenômenos que se passam fora de seu mundo interior, fenômenos estranhos à natureza humana, o cientista social observa e investiga fenômenos em que ele está presente, de que ele é a um tempo testemunha, agente e portador. Essa vantagem, entretanto, carece de maior significação, porque o material de trabalho do cientista social, além de extremamente rarefeito, a ponto de em muitos casos não haver mais de um fenômeno observável de cada espécie, é refratário às aplicações do método experimental, a que os cientistas exatos devem seus triunfos mais espetaculares. A própria

dignidade da pessoa humana contraindica a experimentação nas ciências sociais.

Parcialidade

Encerrado num laboratório, o químico ou o físico pode dedicar-se inteiramente, sinceramente, à descoberta da verdade, à explicação verídica dos fenômenos, pouco se lhe dando que esses fenômenos se comportem desta ou daquela maneira, autorizem esta ou aquela teoria, confirmem ou desmintam esta ou aquela hipótese. O cientista exato consegue facilmente — pelo menos não lhe é necessário dominar emoções e preconceitos para conseguí-lo — obedecer ao verdadeiro espírito científico; é-lhe não só possível, como também convinável ater-se aos fatos. Não tendo motivos emocionais para desejar, por exemplo, que o som viaje a uma velocidade menor do que a luz, ou vice-versa, o cientista exato pode sempre remontar ao fato, como queria Boutroux, para quem o espírito científico é essencialmente o sentido do fato como fonte, regra, medida e controle de todo conhecimento. Já o cientista social, exatamente por observar *de dentro*, não de fora; exatamente por encontrar em si mesmo amostras, vestígios, ecos e traços dos fenômenos que investiga, dificilmente consegue desvencilhar-se das próprias emoções e preconceitos e colocar-se numa atitude de objetividade ou neutralidade científica, em que o afã investigador seja conduzido unicamente pelo desejo sincero de buscar e identificar a verdade.

A equação pessoal, de que nos fala Harold Laski, impede, ou pelo menos dificulta, que o cientista social aja e reaja, no seu labor, com a frieza e a imparcialidade de um juiz. "Os fatos nos chegam tão coloridos pelo meio de que fazemos parte — diz Laski — que é impossível alcançar no mundo das relações humanas a objetividade que se pode lograr na química e na física. Podemos intentar, com tôdas as nossas forças, manter uma distinção entre os fatos e os fins que consideramos desejáveis — mas nunca o conseguimos completamente. Em maior ou menor grau, existe sempre a influência de nossa equação pessoal" (5).

Antes de ser cientista social, é o homem chamado a tomar partido em face das várias dou-

(4) *Papers on the Science of Administration*, New York, 1937, págs. 193-4.

(5) *El Estado en la teoría y en la práctica*, trad. esp., Madrid, 1936, pág. 39.

trinas, correntes de pensamento e filosofias sociais vigentes. Ainda que não queira, é-lhe forçoso ser partidário de uma forma de Estado, de um esquema de organização social, ser a favor ou contra o divórcio, ser a favor ou contra a propriedade privada, etc., de maneira que o complexo de suas crenças, tendências, preconceitos e emoções torna particularmente difícil aquela neutralidade ética, aquela objetividade científica sem a qual não pode haver pesquisa desapassionada.

Carência de terminologia adequada

Outra causa do atraso em que se encontram as ciências sociais é a dificuldade de capitalização do esforço, à míngua de um sistema de comunicação vocabular, que permita a acumulação e transmissão da experiência entre os seus cultores. A falta de nomenclatura padronizada, de rótulos que signifiquem a mesma coisa para o autor e para o leitor, para o professor e para o aluno, — obstáculo desconhecido nos arraiais das ciências exatas, — retarda enormemente a expansão do conhecimento no domínio das ciências sociais. O símbolo H^2O , por exemplo, *conduz* a mesma noção a tôda gente em tôdas as partes do mundo, quer dizer, *nomeia* sempre a mesma coisa, ao passo que, na Ciência Política, os símbolos *governo*, *democracia*, *Estado*, *administração*, *lei*, *orçamento*, *receita*, etc. *conduzem* representações diversas, noções diferentes, variáveis ao sabor dos conceitos particulares de cada indivíduo. Os cientistas sociais ordinariamente não se entendem às maravilhas; ao contrário, desperdiçam esforço, tempo e energias na discussão de simples questões de rótulo, de nomenclatura, embora muitas vezes estejam de perfeito acôrdo, sem o perceber, nas questões de substância. O economista americano Stuart Chase publicou em 1938 um livro oportuno, extremamente útil aos estudantes das ciências sociais, intitulado "The Tyranny of Words", em

que demonstra como a ausência de uniformidade, o sentido flutuante, difuso, de muitos termos do vocabulário especializado das ciências ditas sociais, antes contribue para espalhar a confusão do que para dirimir as dúvidas.

E' óbvio que essa terminologia anárquica impede o avanço das ciências sociais. Impede porque, em regra, o cientista social começa do começo. Não há um sistema de definições e nomenclaturas que possibilite a cada novo cientista capitalizar *in totum* a experiência passada e partir, assim, do ponto em que seus antecessores pararam. Talvez emane dessa instabilidade de areia movediça, que afeta os conceitos das ciências sociais, a tendência, teimosa nos cultores da Sociologia, da Economia, do Direito, da Administração Pública, para se abastecerem de termos no vocabulário das ciências físicas e naturais. Os constitucionistas, por exemplo, repetem a cada passo que o *Município* é a célula da República, assim como os estudantes de Administração também falam freqüentemente em *órgão* e *função*. *Célula*, *função* e *órgão* são, como sabemos, termos subtraídos ao vocabulário especializado da Biologia.

* * *

Alguém comparou o papel da Ciência Social ao do hábil cirurgião, que precipita a crise e sujeita o paciente a agudos sofrimentos imediatos para evitar que seus males crônicos se tornem mais perigosos.

A comparação é válida e realística — põe a nú a tarefa ingente e urgente das Ciências Sociais.

Cumpra reconhecer que os males crônicos da humanidade sofredora têm-se agravado tão sinistramente nestes últimos tempos que os pobres cultores destas policiadas ciências já agora correm o risco de ser apanhados, como disse o poeta,

"a ensinar navegação enquanto o navio está afundando".